

Nossos credores,

Leida Est

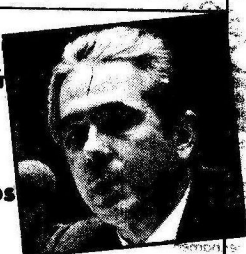
— O BRASIL E O MUNDO —

Quinta-feira, 12-12-85 — O ESTADO DE S. PAULO

interessados num acordo.

O presidente do Banco Central, Fernão Bracher, está otimista com a possibilidade de prorrogação do acordo com os bancos credores.

Estes também estão interessados, porque o Brasil acabará pagando spreads mais altos.



Até agora tem sido positiva e bastante construtiva a reação dos banqueiros americanos às propostas apresentadas pelo presidente do Banco Central, Fernão Bracher (foto), e tudo leva a crer que o Brasil obterá outra prorrogação do acordo da fase 2 da dívida externa, cuja expiração será no próximo dia 17 de janeiro.

Pelo menos, esta foi a impressão do presidente do Banco Central, que há dois dias tem mantido diálogos com banqueiros isoladamente antes de reassumir hoje as negociações com o comitê assessor da dívida externa brasileira. Bracher já visitou alguns grandes bancos americanos e ontem se encontrou com William Rhodes, presidente do comitê assessor, e com John Reed, chairman do Citibank.

Fontes financeiras em Nova York acreditam que a prorrogação deverá ser conseguida sem muitos problemas, mesmo porque, por um lado, interessa aos credores acertar mais uma prorrogação, já que o Brasil acabará pagando spreads bem mais altos do que se tivesse renegociado a sua dívida externa. "Ninguém está querendo ver o circo pegar fogo", afirmou uma fonte bancária referindo-se à possibilidade de não se chegar a um acordo com os banqueiros estrangeiros.

Além disso, o fato de o governo brasileiro já ter enviado um telex aos credores, assumindo 25% da dívida dos bancos Comind e Auxiliar, e prometendo ainda o pagamento de outros 25% a curto prazo, acalmou os banqueiros, embora pequenos bancos regionais já estejam decididos a não renovar suas linhas de crédito mesmo com as grandes chances de extensão do acordo em vigor.

Apesar deste panorama otimista, ainda existem algumas incertezas, principalmente por causa das declarações aparentemente divergentes entre o presidente do Banco Central e o ministro da Fazenda. Ainda esta semana, Dílson Funaro voltou a afirmar que o Brasil não aceitará a tutela do Fundo Monetário Internacional. Ao mesmo tempo, sabe-se que na segunda-feira, durante sua visita a Washington, seguindo a orientação de Funaro, Bracher esteve com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, e lhe mostrou os termos do pacote econômico anunciado pelo presidente José Sarney.

Estas posições aparentemente contraditórias (na verdade, se o FMI aceitar o pacote poderá haver um acordo) acabam deixando os credores em dúvida, principalmente em relação a quem eles devem dar ouvidos. Além disso, muitos acreditam que as declarações feitas interna e externamente podem acabar enfraquecendo a posição do presidente do Banco Central perante os banqueiros credores.

Porém, isto só poderá ser avaliado a partir de hoje, quando Fernão Bracher se encontrar pela primeira vez com os 14 banqueiros do comitê assessor da dívida externa para recomendar de fato as discussões que deverão levar à quarta prorrogação do acordo da fase 2 da dívida externa brasileira.

Numa tarefa paralela à de Bracher, chegou hoje aos Estados Unidos o ministro do Planejamento, João Sayad, para uma série de encontros no FMI, Banco Mundial e BID. O objetivo desta viagem é mostrar a essas instituições que o Brasil está disposto a combater o processo inflacionário, mas sem para isso deter o crescimento de sua economia.

Eliane Gamal, de Nova York